



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA

RICARDO FILIPE MAIA DA SILVA

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA EB. 2,3
DA MEALHADA JUNTO DA TURMA DO 7ºA NO ANO LECTIVO DE 2011/2012

COIMBRA
2012

RICARDO FILIPE MAIA DA SILVA
Nº 2006013820

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO PEDAGÓGICO DESENVOLVIDO NA ESCOLA EB. 2,3
DA MEALHADA JUNTO DA TURMA DO 7ºA NO ANO LECTIVO DE 2011/2012**

Relatório de Estágio apresentado à
Faculdade de Ciências do Desporto e
Educação Física da Universidade de
Coimbra com vista à obtenção do grau de
mestre em ensino da educação física dos
ensinos básico e secundário.

Orientador: Mestre Pedro Fonseca

COIMBRA
2012

Citação Bibliográfica:

Silva, R. F. M. (2012). *Relatório de Estágio Pedagógico*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal

**À minha mãe por tudo quanto se sacrificou por mim,
pelo carinho, dedicação e amor...**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de endereçar o meu profundo agradecimento a todos aqueles que de forma direta ou indireta, contribuíram e me apoiaram durante este percurso académico.

Ao orientador da escola professor Miguel Faria por toda a sua disponibilidade, competência, transmissão de conhecimentos, sabedoria e orientação durante este percurso do estágio.

Ao orientador da faculdade professor Pedro Fonseca pelas suas pertinentes considerações, críticas e conhecimentos.

Aos meus colegas Cláudio Durães e Fábio Monteiro do núcleo de estágio da Escola EB. 2,3 da Mealhada, pela partilha de experiências e saberes ao longo do ano de estágio e pelo clima de aprendizagem e amizade proporcionado.

A todos os professores e funcionários da Escola EB. 2,3 da Mealhada por toda a disponibilidade e apoio prestado ao longo deste ano lectivo.

A todos os alunos do 7ºA que durante este percurso foram participativos, empenhados e dedicados, contribuindo assim para a minha evolução e enriquecimento pessoal e profissional.

À Fabiana e à Sónia pela preciosa colaboração.

À Joana pelos momentos vividos ao longo destes 5 anos, pelo amor, carinho, apoio e compreensão.

A toda a minha família, em particular aos meus tios.

À minha mãe pelo seu contributo, esforço, compreensão e pela capacidade incondicional no acreditar das minhas capacidades.

A ti pai, que estarás sempre comigo e em mim...

A todos, os meus sinceros e profundos agradecimentos.

RESUMO

O presente documento insere-se no âmbito da unidade curricular do Estágio Pedagógico do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra. A proximidade do Estágio Pedagógico com o fim de um ciclo de estudos confere a importância que este deve ter, porque a sua vivência assume-se como fundamental na formação inicial de ser professor. Neste documento serão portanto apresentados todos os passos percorridos durante o ano lectivo de 2011-2012 na EB. 2,3 da Mealhada, local referente à sua realização. A sua elaboração visa relatar todo este processo realizado através de uma reflexão crítica acerca das vivências, dificuldades sentidas e aprendizagens realizadas ao longo deste percurso que concretiza o Estágio Pedagógico. O mesmo contemplará numa primeira fase a contextualização da prática com a caracterização da escola, grupo disciplinar e turma assim como mencionará as expectativas iniciais inerentes ao Estágio e respectivo planeamento do ensino da turma. Numa fase posterior será feita uma análise reflexiva da prática pedagógica nomeadamente no que concerne a todo o processo de ensino-aprendizagem bem como às aprendizagens adquiridas ao nível do desenvolvimento pessoal e profissional. No presente relatório constará ainda uma abordagem aprofundada ao tema da deficiência auditiva na relação com a prática pedagógica da Educação Física finalizando o mesmo com um balanço relativo ao Estágio Pedagógico e respectivas influências.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico. Reflexão. Prática Pedagógica. Aprendizagens.

ABSTRACT

The present document falls within the scope of the course unit of the Pedagogical Internship of the Masters in Teaching of Physical Education in Basic and Secondary Education of the Faculty of Sport Sciences and Physical Education of the University of Coimbra. The proximity of the Pedagogical Internship with the end of a course of studies establishes the importance that it should have, because its experience is fundamental in the initial training of becoming a teacher. All of the stages covered during the academic year of 2011-2012 at the EB. 2,3 da Mealhada, location referring to its execution, will be presented in this document. Its elaboration aims to describe the whole process achieved through the critical reflection regarding experiences, difficulties encountered and learning accomplished throughout this course which embodies the Pedagogical Internship. In a first stage, it will contemplate the contextualization of the experience along with the characterization of the school, disciplinary group and class as well as mentioning the initial expectations inherent to the Internship and respective planning concerning teaching of the class. In a later stage, a reflective analysis will be made of the pedagogical performance, namely of what the whole process of teaching-learning involves as well as the knowledge acquired at a personal and professional level. In the present report, an in-depth approach of the subject of hearing impairment will also be presented regarding the pedagogical performance of Physical Education and will conclude with an assessment on the subject of Pedagogical Internship and respective influences.

Keywords: Pedagogical Internship. Reflection. Pedagogical Practice. Learning.

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	V
2. ABSTRACT.....	VI
3. INTRODUÇÃO.....	1
4. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA.....	2
5. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	9
6. APROFUNDAMENTO DO PROBLEMA – A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A RELAÇÃO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA.....	32
7. CONCLUSÃO.....	39
8. BIBLIOGRAFIA.....	40

ÍNDICE

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA	2
2.1. Expectativas iniciais em relação ao estágio	2
2.2. Caracterização da escola.....	4
2.3. Caracterização do Grupo Disciplinar de Educação Física	6
2.4. Caracterização da turma.....	7
3. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	9
3.1. Actividades desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem	9
3.1.1. Planeamento.....	9
3.1.1.1. Plano Anual.....	10
3.1.1.2. Unidades Didácticas	11
3.1.1.3. Planos de Aula	12
3.1.2. Realização	13
3.1.3. Intervenção Pedagógica	14
3.1.3.1. Instrução	15
3.1.3.2. Condução de Aula.....	16
3.1.3.3. Gestão de Aula	17
3.1.3.4. Disciplina/Clima de Aula	17
3.1.3.5. Decisões de Ajustamento.....	18
3.1.4. Avaliação	19
3.1.4.1. Avaliação Diagnóstica.....	19
3.1.4.2. Avaliação Formativa.....	20
3.1.4.3. Avaliação Sumativa.....	21
3.2. Atitude Ético-Profissional	22
3.3. Aprendizagens realizadas.....	23
3.4. Compromissos com as aprendizagens dos alunos	26
3.5. Conclusões referentes ao Estágio Pedagógico.....	27
3.5.1. Dificuldades Sentidas	27
3.5.2. Necessidades de Formação Contínua.....	29
3.5.3. Importância do trabalho individual e de grupo	30

4. APROFUNDAMENTO DO PROBLEMA – A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A RELAÇÃO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA	32
4.1. Contextualização do problema.....	32
4.2. Estratégias desenvolvidas.....	34
4.3. Dificuldades sentidas/resultados obtidos	36
5. CONCLUSÃO	39
6. BIBLIOGRAFIA.....	40

Ricardo Filipe Maia da Silva, aluno nº 2006013820 do MEEFEBS da FCDEF-UC, venho declarar por minha honra que este Relatório Final de Estágio constitui um documento original da minha autoria, não se inscrevendo, por isso, no definido da alínea s do artigo 3º do Regulamento Pedagógico da FCDEF.

1. INTRODUÇÃO

O presente documento surge com o intuito de relatar a minha experiência enquanto professor durante este ano lectivo destinado ao Estágio Pedagógico inserido no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra.

A formação é um passo imprescindível, para se chegar ao Estágio Pedagógico. Segundo Alarcão (1996) é fundamental, que durante a formação inicial e durante o Estágio Pedagógico o professor adquira um “fazer-saber sólido que apele à atuação inteligente e criativa que lhe permita atuar em contextos diferenciados (instáveis, indeterminados e complexos), num permanente diálogo com a realidade que a cada momento se lhe depara.”

Esta fase final da formação pode entender-se como um etapa marcante na formação do estudante, onde o Estágio Pedagógico me levou a conhecer e percorrer novos caminhos que no fundo, possibilitaram um enriquecimento pessoal e profissional que honestamente não julgava vir a ser possível.

Porém, no decurso do presente ano lectivo foram muitas as experiências e aprendizagens adquiridas, onde consegui conjugar os saberes aprendidos ao longo do meu percurso académico com os saberes de carácter prático ao longo do Estágio Pedagógico. Diante desta multiplicidade de experiências e sentimentos que me acompanharam neste ano, irei transmitir todas essas vivências neste documento escrito procurando utilizar uma sequência lógica.

Deste modo, o presente relatório contemplará numa primeira instância uma contextualização da prática com a definição das expectativas iniciais assim como as devidas caracterizações da escola, grupo disciplinar e turma. Já no ponto seguinte e através de uma análise reflexiva irei dissecar sobre as actividades de ensino-aprendizagem passando pela atitude ético-profissional, bem como pelas aprendizagens realizadas e respectivas conclusões referentes ao Estágio. Ainda neste relatório e como ponto prévio à conclusão farei um aprofundamento ao tema “A deficiência auditiva e a relação com a prática pedagógica em Educação Física”, tema esse que tive oportunidade de vivenciar no decorrer deste ano lectivo.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA DESENVOLVIDA

2.1. Expectativas iniciais em relação ao estágio

Após cinco anos de formação académica, sou confrontado agora com a minha primeira experiência de prática pedagógica efectiva. Neste contexto, deparo-me agora com ambientes e panoramas distintos dos que tive oportunidade de presenciar e vivenciar aquando da minha formação pré-universitária. Os desafios que me são propostos requerem de mim o máximo empenho e dedicação, pelo que procurarei dar uma resposta positiva a cada dia que passa.

As minhas expectativas iniciais passavam por obter a profissionalização no campo da docência procurando adquirir mais competências nesta área de forma, a encarar um futuro próximo com mais valências. Neste ano lectivo, ano do Estágio Pedagógico pretendia desempenhar de forma competente as minhas funções enquanto docente, evoluindo diariamente através da leccionação e observação das aulas de Educação Física, bem como através das dificuldades que pudessem surgir ao longo do percurso. Desejava ainda, assumir valores dentro de uma atitude ético-profissional que visassem um compromisso com as aprendizagens dos alunos, ajudando-os a potenciar as suas capacidades elevando-os a adquirir as habilidades essenciais e ultrapassando as suas dificuldades, com uma apresentação e conduta profissional adequada diante dos alunos, professores e funcionários. Deste modo, valorizava igualmente a promoção e participação do trabalho em grupo de forma a melhorar continuamente a nossa actividade didáctica, bem como os resultados dos alunos.

Numa perspectiva mais específica, no que diz respeito à disponibilidade para os alunos e escola pretendia desenvolver uma interação aliada a uma intervenção regular e empenhada com os mesmos. Já quanto ao dinamismo e capacidade de inovação ambicionava adoptar uma intervenção pedagógica que fosse de encontro às características dos alunos que iria leccionar, quer fosse no planeamento, na realização ou mesmo na reflexão das aulas.

No presente ano lectivo e no desempenho da função de acompanhamento a um cargo de gestão intermédia, no caso o de Director de Turma, função essa que surge

na sequência da disciplina de Administração Escolar realizada no 1º ano deste mestrado, as minhas expectativas e ambições eram as melhores possíveis. A oportunidade de poder adquirir mais competência nesta área motivava-me pessoalmente, pois encarava o mesmo como um novo desafio em que iria procurar desempenhar da melhor maneira possível, onde iria estar em permanente contacto com toda uma envolvência administrativa que está inerente ao cargo, assim como iria permitir uma aproximação aos alunos fora do contexto das aulas de Educação Física e ainda possibilitaria o diálogo com os pais dos mesmos.

A possibilidade de estar em contacto com um profissional experiente, bem como com o permanente diálogo com o núcleo de estágio iria por certo, permitir que as minhas carências de formação fossem mais facilmente ultrapassadas e que no fundo, surgissem diferentes orientações/perspectivas, de forma a obter o sucesso em determinadas situações na leccionação das aulas.

De acordo com o acto de leccionar propriamente dito, ou seja, o momento da aula, as minhas expectativas prendiam-se com a aprendizagem da matéria de Educação Física de forma adequada, de maneira a poder transmitir aos alunos aquilo que penso ser o mais certo e o mais correcto nas minhas aulas, tendo sempre presente as orientações dos Programas. Pessoalmente preocupava-me o facto de devido à minha inexperiência na leccionação de aulas, não conseguir fazer chegar a minha mensagem aos alunos. Aliado a este ponto também possuía algum receio em poder fracassar de alguma maneira, e de não conseguir cativar os alunos com as minhas aulas, não conseguindo por isso incentivá-los à prática desportiva. Apesar de todos estes receios iniciais, a minha ambição passava por manter um relacionamento próximo com os meus alunos para que houvesse um respeito mútuo mantendo no entanto, o controlo e disciplina que são para mim dois aspectos relevantes no bom funcionamento da aula.

Relativamente aos procedimentos inerentes ao planeamento, realização e avaliação, as minhas expectativas passavam por definir estilos, estratégias e técnicas de ensino de acordo com as características dos alunos (seleccionando sempre as mais correctas, pertinentes e adaptadas ao momento), desenvolvendo a diferenciação no caso dos alunos poderem situar-se em níveis de ensino/desempenho diferentes.

2.2. Caracterização da escola

As actividades inerentes ao Estágio Pedagógico decorreram na EB. 2,3 da Mealhada, escola essa pertencente ao Agrupamento de Escolas da Mealhada e situada a sul do distrito de Aveiro na zona do Baixo Mondego.

Relativamente aos cargos de administração e gestão escolar a presente escola é um dos cinco estabelecimentos comuns que integram o referido Agrupamento. Cada escola é portanto liderada por um(a) coordenador(a) de estabelecimento, eleito pelo Director do Agrupamento, sendo que nesta escola a coordenadora (Dr.^a Elisa Alves) é auxiliada por duas assessoras.

Já no que concerne ao número total de docentes na E.B 2,3 da Mealhada, no corrente ano lectivo, é de 52. Estão também três professores estagiários (Núcleo de Estágio de Educação Física). O pessoal não docente a prestar serviço neste Agrupamento é composto por dezanove assistentes operacionais, juntando a estes mais seis dos serviços administrativos. Das 19 assistentes operacionais duas delas (dona Alcina e dona Zita) são assistentes do ginásio que nos auxiliam em todas as tarefas necessárias.

No que respeita à disposição dos alunos pela escola, esta integra 426 alunos, distribuindo-se 252 alunos pelo 2º Ciclo ao passo que os restantes 174 situam-se no 3º Ciclo. Já quanto ao número de turmas a escola possui 19 turmas no seu total, sendo que cinco pertencem ao 5º ano, seis ao 6º ano, três ao 7º ano, três ao 8º ano e duas ao 9º ano. Actualmente a Escola apresenta-se como uma escola básica de 2º e 3º ciclo, ou seja, encontra-se preparada para acolher 19 turmas do 2º e 3º ciclo em regime normal de funcionamento.

No que diz respeito aos espaços físicos a EB. 2,3 da Mealhada encontra-se em estado agradável e a mesma é constituída por um pavilhão polidesportivo, 4 blocos (A; B; C e D) e um refeitório, sendo que o bloco B e o C estão apenas destinados a salas de aulas. No bloco A situam-se 4 salas de aula, a secretaria, o PBX, os órgãos de gestão, a sala de professores, o gabinete médico, a sala de apoio educativo, a sala de informática, a sala dos directores de turma e um WC. No bloco D está situada a biblioteca, o buffet/bar, a reprografia/papelaria, a sala de convívio dos alunos e um WC.

Para a prática da disciplina na escola, estão disponíveis 2 espaços, sendo estes o espaço exterior e o espaço interior (Pavilhão Gimnodesportivo). Dentro do Pavilhão existe uma arrecadação de material desportivo, um gabinete de auxiliares de ensino, um gabinete do Grupo de Educação Física e dois balneários, (um masculino e outro feminino) ambos com zona para duche.

Quanto ao espaço exterior, a escola dispõe de 2 campos exteriores, contendo cada um deles 2 balizas com redes, 4 tabelas de basquetebol e marcações para oficiais para Futebol, Voleibol e Basquetebol. A escola ainda está equipada com uma caixa de saltos, um corredor de cerca de 60 metros, devidamente pavimentado, onde são realizadas as provas de velocidade e de barreiras e um espaço equipado para a prática de mini-golfe.

O espaço interior está equipado com 6 tabelas de basquetebol (3 campos), 2 balizas com redes, uma parede de escalada e marcações oficiais de Basquetebol, Andebol, Futebol, Badmínton e Ténis. Estão também disponíveis as marcações de campos pequenos de Voleibol, Basquetebol.

Os espaços de aula são identificados através de uma ordenação numérica que determina como Espaço 1 o espaço menor (1/3) no interior do pavilhão gimnodesportivo, o Espaço 2 o espaço maior (2/3) do pavilhão gimnodesportivo e o Espaço 3 o espaço exterior de maiores dimensões (2 campos).

Por fim e relativamente ao funcionamento da EB. 2,3 da Mealhada, esta funciona permanentemente num período das 8:00h às 18:00h, sendo que, durante esse espaço de tempo os serviços da escola funcionam em horários independentes. As aulas decorrem durante a semana entre as 08:30h e as 17:00h à excepção das quartas e sextas-feiras à tarde. No período nocturno a escola encontra-se encerrada, sendo caso de excepção o aluguer do pavilhão para as várias práticas desportivas.

2.3. Caracterização do Grupo Disciplinar de Educação Física

O Grupo de Educação Física pertence ao departamento de expressões, é constituído por 6 professores, 1 do género feminino (Dr.^a Elisa Alves) e 5 do género masculino (Professor Miguel Faria, Professor José Neves, Professor Mário Rui, Professor Sérgio Queirós e o Professor Fernando Rodrigues). O Núcleo de Estágio de Educação Física do 3º Ciclo inserido neste grupo era formado por três professores estagiários do sexo masculino (Cláudio Durães, Fábio Monteiro e Ricardo Silva).

Neste contexto, todos os elementos do grupo disciplinar apoiaram incondicionalmente o Núcleo de Estágio de Educação Física, disponibilizando-se para o que fosse necessário, essencialmente nas tarefas a realizar. Destaco, para além da orientação do professor Miguel Faria, que mostrou ser competente nas suas funções contribuindo assim para a evolução de cada estagiário, os conselhos e sugestões sempre pertinentes dos demais professores, no sentido de nos integrar numa primeira fase no âmbito escolar e posteriormente com o objectivo de acompanhar a nossa evolução através de um clima positivo de sociabilidade onde a boa disposição sempre reinou.

Relativamente ao Núcleo de Estágio que era composto por três elementos, sendo que dois deles leccionavam duas turmas do 7º ano (Fábio Monteiro e Ricardo Silva) e o restante estagiário leccionava uma turma do 9º ano (Cláudio Durães). É certo que numa fase inicial fiquei um tanto ou quanto ansioso, na medida em que apenas conhecia um dos restantes dois elementos, no caso o Fábio Monteiro. Contudo, e logo após os primeiros contactos em grupo, a relação quer pessoal quer profissional cresceu, o que permitiu ao longo do ano a criação de laços de amizade fortes imbuídos num espírito de entre-ajuda e colaboração assinalável entre os três.

2.4. Caracterização da turma

O ensino é um elemento fundamental e decisivo no processo global de formação e educação. Este não passa apenas pela simples transmissão da matéria programática; é determinante para o desenvolvimento global dos alunos pelo que dele devem ser parte integrante aspectos pedagógicos, psicológicos, afectivo-emocionais, sócio-económicos e familiares. Os alunos devem ser assim trabalhados de acordo com os vários contextos e sistemas em que se inserem, como também tendo em conta a sua individualidade. Torna-se pois, importante o conhecimento, não só do meio escolar, mas também dos restantes meios que envolvem os nossos alunos.

A relação entre professor e aluno é cada vez mais importante no seio de uma escola. Para os professores julgo que este tipo de análises e estudos acerca da turma com que trabalham diariamente tem uma importância redobrada, na medida em que este estudo apresenta dados de diferentes modos de viver permitindo assim conhecer de um modo geral a turma.

Foi com este propósito que me empenhei desde o início num trabalho que visava a caracterização da minha turma. A turma que me ficou incumbida de leccionar a disciplina de Educação Física, do 7º ano, é constituída por 20 alunos, dos quais, três têm necessidades educativas especiais, com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos de idade. Dos vinte alunos, treze são do sexo feminino e sete são do sexo masculino, sendo que seis deles apresentavam retenções durante o seu percurso escolar.

Deste modo, e tendo como propósito dar a conhecer, o quanto possível, cada um dos alunos da turma, o estudo (questionário) elaborado abordou todo um conjunto de aspectos referentes às temáticas da alimentação, saúde e hábitos de higiene, matérias abordadas na Educação Física em anos anteriores, o Desporto Escolar, o Desporto Federado e ainda outras actividades físicas.

Como resultado final da realização deste estudo, pretendeu-se a criação de uma base de dados – informação, que poderá servir os professores da turma permitindo-lhes conhecer aspectos relevantes do grupo em questão e de certa forma compreender e/ou antecipar algumas situações que pudessem surgir.

Assim, através do estudo tive oportunidade de constatar que três alunos apresentavam condicionalismos de ordem médica. Um aluno apresentava problemas ao nível da fala (dislália múltipla fonológica-fonética), um outro revelava problemas de ordem auditiva (surdez neuro-sensorial bilateral profunda) e um terceiro problemas cardíacos (já em franca recuperação). Destes três, o único aluno que merecia cuidados especiais relativamente à leccionação das aulas de Educação Física era o aluno com problemas auditivos. Ainda no âmbito da saúde, destaque para um aluno que referiu ver mal ao longe, ainda que, pouco ou nada tenha influenciado a sua prática. No que se refere às matérias anteriormente abordadas verifiquei que havia uma grande disparidade entre as mesmas, sendo que tal motivo se deva ao facto de a turma do 7º A ter sido formada por alunos provenientes de 4 turmas distintas. Constatei que 5 dos 20 alunos participavam em actividades relacionadas com o Desporto Escolar sendo que apenas 4 alunos eram praticantes federados. Não menos importante de referir, é o facto de 11 alunos participarem em actividades físicas fora do contexto escolar, ao passo que os restantes 9 assumiam uma postura de maior sedentarismo.

No que diz respeito ao acto de leccionar propriamente dito, trata-se de uma turma que se caracteriza pela sua heterogeneidade com alunos em diferentes níveis de aprendizagem, portanto com diferentes graus de evolução, sendo que do ponto de vista disciplinar é no geral uma turma responsável, participativa evidenciando comportamentos ajustados à aula.

3. ANÁLISE REFLEXIVA SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA

3.1. Actividades desenvolvidas no processo ensino-aprendizagem

Esta área de desempenho relativa às actividades desenvolvidas contempla o planeamento, a realização, a intervenção pedagógica e a avaliação. O ensino desde o seu planeamento até à sua avaliação ganha uma dimensão pessoal com base na ligação que é feita entre os conhecimentos pedagógicos e as experiências adquiridas. Com efeito, passarei a descrever as ações desenvolvidas nestas quatro grandes áreas do processo ensino-aprendizagem.

3.1.1. Planeamento

O planeamento é a base de todo o processo ensino-aprendizagem, dado que é através dele que podemos ajustar todas as tarefas quer ao nível da turma, quer mesmo ao nível dos recursos disponíveis. No fundo, é o planeamento que permite sustentar as ações e decisões tomadas pelo professor ao longo do tempo, de forma a que estas possam seguir um trajecto coerente alicerçado em princípios comuns durante todo o processo. Bento (1998) define planeamento como “uma reflexão pormenorizada acerca da duração e do controlo do processo de ensino numa determinada disciplina”. Os saberes que obtemos durante o nosso percurso de formação antecedente ao Estágio, ainda que de forma descontextualizada, revelam-se nesta fase fulcrais. É assim que surge de forma natural as primeiras confrontações entre a teoria e a prática, nomeadamente na elaboração do Plano Anual, das Unidades Didácticas e claro dos planos de aula.

Em seguida irei descrever o que foi realizado no planeamento seguindo a ordem natural, ou seja, do nível macro – meso – micro, passando pela elaboração do Plano Anual, construção das Unidades Didácticas e para finalizar os planos de aula.

3.1.1.1. Plano Anual

A elaboração do Plano Anual constituiu uma das primeiras tarefas do Estágio, este é portanto, um documento que regula o processo de ensino e que se revela uma ferramenta útil para o professor durante todo o ano lectivo. O Plano Anual foi sem dúvida o documento que sofreu mais alterações ao longo do ano. Na sua concepção existiram vários factores que forçosamente tinham de ser levados a sério, e neste caso, os recursos espaciais, os recursos materiais e o “roulement” (rotatividade dos professores pelo espaço a cada 3 semanas), foram um obstáculo que tive pela frente. Deste modo, a meu ver o Plano Anual não deve apresentar uma estrutura rígida e/ou flexível.

A construção do mesmo iniciou-se com as devidas caracterizações, no caso, a do meio, a da escola, grupo de Educação Física e da turma. Para isso, a escola (direcção) contribuiu com a facultação da documentação necessária, nomeadamente o regulamento interno e o organigrama, que a juntar a toda uma pesquisa exhaustiva possibilitou assim uma realização mais capaz.

Envolvemo-nos numa primeira fase, através de um inventário levado a cabo acerca do material disponível para as aulas de Educação Física e através da verificação de todos os espaços possíveis, tendo em conta a análise feita ao “roulement” que nos permitia posteriormente, distribuir de forma organizada as diversas matérias a abordar ao longo do ano. Este último, revelou-se na altura, um documento importante, na medida em que não tínhamos qualquer conhecimento sobre o seu funcionamento, e como tal, seria um condicionante no posterior planeamento das aulas.

No que concerne à caracterização do meio, o Núcleo de Estágio teve necessidade de realizar uma pesquisa acerca do enquadramento geográfico, enquadramento histórico-cultural do Agrupamento de Escolas da Mealhada, assim como relativamente aos recursos humanos e órgãos de administração e gestão escolar.

Através desta caracterização, foi nosso objetivo enquadrar-nos da melhor forma no contexto em que estávamos inseridos, uma vez que seria nesta escola que iríamos dar início ao nosso trabalho enquanto docentes.

Já quanto à caracterização da turma, esta foi feita através de um questionário, tendo em vista a obtenção de alguns dados gerais e individuais da turma, que no fundo, pudesse permitir tomar um conhecimento mais profundo da mesma. Assim, pude constatar os dados pessoais de cada aluno, assim como dados relativos aos hábitos de saúde, rotinas diárias, prática de atividade física, eventuais doenças ou impedimentos, entre outros aspectos pertinentes que possibilitaram uma percepção mais real de cada aluno.

No que se refere à seleção das matérias a abordar, essas foram selecionadas em comunhão de ideias entre o Núcleo de Estágio e o grupo de Educação Física, tendo sido necessário numa primeira instância, proceder-se à calendarização do ano lectivo. Após as avaliações diagnósticas realizadas no início do ano lectivo, partiu-se para a repartição do número de aulas destinadas a cada Unidade Didáctica tendo em conta os diferentes períodos lectivos, as condicionantes climatéricas e claro as necessidades da turma.

Em suma, este documento permitia uma orientação/regulação de todo o processo de planeamento a levar a cabo durante o ano lectivo.

3.1.1.2. Unidades Didácticas

A elaboração e selecção das Unidades Didácticas baseou-se, primeiramente, nas indicações programáticas da disciplina para o 3º ciclo do Ensino Básico, em consonância com as escolhas do Departamento de Educação Física, bem como através da realização da avaliação diagnóstica feita para cada matéria, tendo em conta as condições materiais e temporais disponibilizadas. Segundo Bento (2003) "as unidades temáticas ou didácticas, ou ainda de matéria, são partes essenciais do programa de uma disciplina. Constituem unidades fundamentais e integrais do processo pedagógico e apresentam aos professores e alunos etapas claras e bem distintas de ensino e aprendizagem".

Concluída a análise a cada avaliação diagnóstica, as Unidades Didácticas eram elaboradas tendo em consideração o desempenho dos alunos, onde a partir daí se definiria os objectivos a alcançar e estratégias a executar. Esta definição de objectivos foi sempre muito realista no sentido de poder no final de cada matéria

(Unidade Didáctica) permitir que os alunos os pudessem alcançar. Para além destes aspectos foi efectivamente importante a planificação dos conteúdos a abordar em cada aula o que nos permitiu contextualizar as necessidades da turma.

As Unidades Didácticas foram maioritariamente abordadas por blocos, o que permitiu potenciar a aprendizagem dos alunos, isto é, facilitou a aquisição de conhecimentos por parte dos alunos nas diversas matérias e ao mesmo tempo possibilitou um trabalho de continuidade relativa aos conteúdos de cada uma das matérias.

Este documento foi sempre elaborado com base nas metodologias e linhas orientadoras dos programas oficiais e no número de aulas estabelecido anteriormente para a sua leccionação, bem como tendo em conta a disponibilidade dos recursos espaciais existentes. No final da leccionação de cada Unidade Didáctica foi realizado um balanço final, onde era exposto uma análise da evolução dos alunos e principais dificuldades sentidas.

3.1.1.3. Planos de Aula

Ao nível do plano de aula, este deve ser planeado tendo como linha de orientação a respectiva Unidade Didáctica, procurando atingir os objectivos pretendidos, o que se traduz na aprendizagem efectiva dos alunos. Segundo Bento (2003) “a aula constitui o verdadeiro ponto fulcral do pensamento e da acção do professor, é no plano de aula que todo o planeamento mental é traduzido numa forma física”.

Esta planificação seguiu os parâmetros enunciados e pretendidos no Guia de Estágio, e posteriormente decididos em conjunto pelos membros do Núcleo de Estágio no início do ano, com a concordância e orientação do professor Miguel Faria.

No início do ano, ao planear estava demasiado obcecado com o conteúdo a abordar, sendo que as decisões tomadas partiam mais de uma certa interpretação da matéria em detrimento das reais possibilidades dos alunos. Contudo, à medida que fui adquirindo maior experiência ao longo do ano alterou-se a forma de pensar e agir, passando a privilegiar as necessidades dos alunos, não colocando de parte as orientações didáctico-pedagógicas inerentes a um ensino de qualidade. Para esta

evolução muito contribuiu o constante diálogo quer entre o Núcleo de Estágio quer com o professor Miguel Faria que permitiu que aos poucos as dificuldades encontradas fossem dissipando-se. Não menos importantes foram as reflexões realizadas individualmente aula após aula assim como as constantes reuniões semanais.

No fundo a elaboração do plano de aula revela-se complexa, na medida em que estão em jogo várias variáveis, desde os recursos disponíveis, a matéria em questão, as características dos alunos. Contudo, mais importante que a sua planificação, é a sua consecução, no caso a realização da aula, onde se pretende que o professor consiga adaptar da melhor forma o planeado ao possível de ser realizado. Pretende-se portanto, que os alunos aprendam, respeitando o seu processo de formação e desenvolvimento usando de forma criteriosa as potencialidades de cada matéria de ensino.

3.1.2. Realização

Neste tópico, ainda que não me refira à intervenção pedagógica, incluo algumas acções fora do âmbito da aula propriamente dita, nomeadamente as actas das reuniões presenciadas pelo Núcleo de Estágio de Educação Física e ainda as observações pedagógicas quer na observação inter-estagiários quer na observação das aulas do professor orientador.

Quanto ao primeiro ponto, todas as semanas, o Núcleo de Estágio de Educação Física da EB. 2,3 da Mealhada reunia-se na sala destinada para o efeito, com vista à discussão das aulas dos estagiários e conseqüente troca de perspectivas tendo como ponto principal a evolução de todo o processo de ensino-aprendizagem. Estas reuniões assumiam preponderância redobrada, visto que a reflexão de cada uma das aulas ocorridas durante a semana era minuciosamente dissecada entre os presentes. A posterior elaboração das actas foi também um motivo de aprendizagem, pois nenhum dos estagiários revelava à-vontade na realização das mesmas. Contudo, após algumas dúvidas tiradas pelo professor Miguel Faria e sobretudo com a prática que cada um foi desenvolvendo, hoje sou capaz de relatar e

redigir o que se passou numa determinada reunião com critério, organização e eficiência.

Relativamente à observação pedagógica, devo dizer que esta foi uma das actividades desenvolvidas que me suscitou grande interesse e que no fundo, servia de base para a observação e detecção de erros dos meus colegas e do orientador e posterior comunicação a estes. Ao observar e registar o que de melhor e de menos bom se tinha passado na aula estava igualmente a contribuir para que, depois pudesse efectuar um *transfer* para as minhas aulas, onde muitas das vezes cometia os mesmos erros. Deste modo, contribuía para uma melhor reflexão da aula dos meus colegas, que no pós-aula, através de uma análise crítica, facilitava a correcção de eventuais aspectos em que cada um deles teria maior dificuldade, enriquecendo assim as capacidades de cada estagiário.

3.1.3. Intervenção Pedagógica

A intervenção pedagógica é o capítulo da realização onde se pode constatar a competência do professor. Esta foi de facto, o meu maior desafio no início do Estágio Pedagógico. É através da intervenção pedagógica que o professor é diferenciado dos demais agentes de actividades físicas. De facto, um bom plano de aula não implica que os alunos possam atingir os objectivos propostos para essa mesma aula.

As primeiras aulas constituíram, na minha opinião, uma etapa decisiva para conhecer os alunos e para ajustar o meu comportamento em função destes e dos objectivos que pretendia alcançar.

A qualidade da intervenção pedagógica, quanto a mim, assume-se como uma das características fundamentais intrínsecas à função docente, para que o processo de ensino-aprendizagem tenha, efectivamente, sucesso. Assim, sinto que progredi significativamente ao longo do ano lectivo, tornando-me mais capaz no dia-a-dia na preparação para a profissionalização da leccionação da disciplina de Educação Física.

Abaixo, farei referência às seguintes dimensões de ensino: instrução, condução da aula, gestão de aula, clima/disciplina e as decisões de ajustamento.

3.1.3.1. Instrução

Segundo Siedentop (1998), “a instrução de uma tarefa é rentável quando o professor utiliza o mínimo de tempo possível para realizar uma apresentação eficaz, sendo esta a apresentação em que os alunos compreendem a informação e quando esta lhes permite empenhar-se na actividade descrita”. Com efeito, sempre que tinha de apresentar uma determinada tarefa tentava não perder demasiado tempo, optando por fornecer a informação suficiente para que os alunos compreendessem o pretendido. Adoptei algumas estratégias tais como, a utilização de uma linguagem simples (não descurando a terminologia correcta) e de fácil percepção, com uma organização simples dos exercícios sempre que tal fosse possível. A utilização do quadro também foi muitas das vezes uma ferramenta útil, nomeadamente no início de novas Unidades Didácticas e/ou conteúdos. Todas estas estratégias de comunicação (previamente definidas) visavam igualmente a necessidade de corresponder ao aluno com deficiência auditiva, uma vez que este exigia alguns cuidados redobrados da minha parte enquanto professor (ver ponto 4.).

Para dar início aos momentos de instrução, reunia os alunos formando um “U” e aguardava que todos eles estivessem em silêncio e atentos, sendo que em caso de estar a instruir matérias que envolvessem bolas, estas deveriam estar completamente imóveis. Uma outra preocupação prendeu-se com as aulas à quinta-feira onde tinha uma outra turma no pavilhão, deste modo, optava sempre por colocar os alunos de frente para a parede do pavilhão, evitando assim possíveis distrações.

Em diversas situações fui obrigado a interromper a minha instrução face à falta de atenção dos alunos, sendo que aqui, optava por me calar até que o silêncio fosse restabelecido ou então por questionar o aluno que perturbava a aula acerca da temática da informação que estava naquele momento a transmitir. A utilização desta metodologia revelou-se positiva, na medida em que os prevaricadores acabavam por se calar ou mesmo por ficar um pouco envergonhados.

Segundo Rosado e Mesquita (2009) “a capacidade de comunicar constitui um dos factores determinantes da eficácia pedagógica no contexto do ensino das actividades físicas e desportivas”.

No que diz respeito à demonstração dos exercícios, esta era realizada por mim ou utilizando um aluno como agente de ensino, dentro dos mais hábeis dependendo da matéria em causa. Optava ainda por alguma rotatividade entre eles quando possível, de forma a evitar algumas divisões entre alunos.

Após a instrução, questionava-lhes acerca da existência de alguma dúvida em relação à tarefa. Tendo em conta que “a realidade é filtrada por cada um, de acordo com as suas experiências e com a sua representação do mundo, a interacção com os outros, a comunicação, pela linguagem, envolve a transformação da realidade e está sujeita a várias distorções. É, por exemplo, facilmente reconhecível, neste contexto, a possibilidade de existirem perdas significativas de informação ao nível da atenção, retenção e compreensão da informação transmitida pelo professor” (Rosado e Mesquita, 2009). Dito isto, nem sempre a totalidade dos alunos assimila à primeira a informação transmitida sendo, por isso, útil e necessária uma nova repetição.

Relativamente à transmissão de feedback's nem sempre se tratou de uma tarefa fácil. No início, senti algumas dificuldades em intervir no *timing* ideal por alguma falta de à-vontade, aliado ao facto de leccionar basquetebol, matéria essa com a qual não estava tão bem familiarizado do que com outras. Tal facto, fez com que a sua frequência fosse reduzida. No entanto, aula após aula, fui evoluindo não só na capacidade de intervenção assim como na qualidade dos feedback's usados e ainda na detecção de erro procurando sempre manter todos os alunos sob o meu campo de visão.

3.1.3.2. Condução de Aula

No que concerne à condução de aula este foi um aspecto que senti que estava mais à-vontade desde início, não obstante ter melhorado com o tempo, de forma progressiva.

Inicialmente, fruto de alguma inexperiência, despendi demasiado tempo nas diferentes instruções realizadas. Um outro aspecto importantíssimo teve que ver com o meu posicionamento, que no início não foi o mais adequado. Por vezes, apenas na análise da aula é que reflectimos e apercebemo-nos dos pequenos erros que

cometemos, como o posicionamento, e que fazem toda a diferença numa condução correcta. Deve-se circular pelo espaço de aula, visualizando toda a turma com o olhar e “voltar” as costas para a parede, mantendo assim todos os alunos no seu campo de visão. Esta dificuldade foi rapidamente ultrapassada, pelo que, não revelei dificuldades de maior na condução das minhas aulas durante o ano lectivo.

3.1.3.3. Gestão de Aula

Antes de iniciar o Estágio Pedagógico esta era verdadeiramente uma das minhas angústias, pois não tinha a certeza se iria estar à altura dos acontecimentos. A gestão de aula assume-se naturalmente como fulcral num processo ensino-aprendizagem de qualidade.

Aquando do início do ano lectivo, o tempo “gasto” em transições e mesmo de organização dos exercícios era demorado, contudo essa lacuna foi-se dissipando através de uma planificação das aulas mais cuidada, nomeadamente com a antecipação de eventuais imprevistos e selecção de tarefas com organização semelhante. As transições tornaram-se mais rápidas, contribuindo para isso a organização antecipada da tarefa seguinte e a escolha de exercícios com elevado tempo de empenhamento motor e de rápida assimilação por parte dos alunos. Relativamente à gestão do tempo nunca senti dificuldades de maior ao longo de todo o ano lectivo quer nos tempos de cada tarefa quer no final de aula.

3.1.3.4. Disciplina/Clima de Aula

Na disciplina de Educação Física, os comportamentos dos alunos que não são desejados pelo professor, são considerados actos de indisciplina, que usualmente tendem a ser designados de comportamentos inapropriados. Dentro deste tipo de comportamentos, estão presentes os comportamentos “*fora da tarefa*”, que são de pequena gravidade e que não perturbam seriamente as actividades da turma; e os comportamentos “*desviantes e/ou disruptivos*”, que são de maior gravidade, como

por exemplo comportamentos violentos de natureza anti-social e nefastos para as actividades desenvolvidas no âmbito da aula (Pereira, 2006).

A disciplina na aula de Educação Física é um dos aspectos que no meu entender é tida como fundamental. A criação de um clima favorável à aprendizagem, prevalecendo um respeito mútuo entre professor e aluno é a base do bom funcionamento da aula. Procurei ao longo de todo o ano criar um equilíbrio que permitisse uma boa relação com os alunos, mantendo simultaneamente o respeito dos alunos entre si e pelo professor. E de certo modo, sempre ou quase sempre esse objectivo foi conseguido, na medida em que as aulas decorreram dentro de um clima muito positivo quer na relação aluno-professor quer na relação aluno-aluno.

3.1.3.5. Decisões de Ajustamento

As decisões de ajustamento devem estar sempre na mente do professor em cada aula por si leccionada. Este dever ser capaz de realizar ajustamentos, de forma adequada e pertinente mediante as variáveis (clima, espaço, qualidade da tarefa, aluno) impostas na altura da sua decisão. Independentemente do planeamento da aula ou das tarefas, o professor deve demonstrar capacidade de ajustamento.

No que diz respeito ao meu desempenho neste âmbito, devo dizer que aula após aula fui melhorando na detecção de erros e consequente apresentação da respectiva solução. Por vezes, no decurso das minhas aulas um determinado exercício que estava a ter um óptima aceitação dos alunos, era prolongado no tempo, ao passo que quando o inverso sucedia procurava imediatamente apresentar um novo exercício/variável de forma a que os alunos pudessem atingir os objectivos propostos para a aula.

Relativamente às Unidades Didácticas, tive necessidade de efectuar alguns ajustes em algumas delas (por ex.: Badminton e Futebol) ao longo do ano lectivo, nomeadamente no seu número de aulas (após a avaliação formativa) e também em função do nível de desempenho evidenciado pela turma/alunos. Já quanto à intervenção pedagógica, tive de tomar decisões ao nível da gestão de tempo, da condução de aula, tendo em vista a optimização não só do desempenho da turma como também do professor.

3.1.4. Avaliação

Segundo Bento (2003), conjuntamente com a planificação e realização do ensino, a análise e avaliação são apresentadas como tarefas centrais de cada professor. A análise e avaliação ligam-se, em estreita retroacção, à planificação e realização, pelo que nenhuma destas três actividades é dispensável. Esta que é encarada como a tarefa central do professor que não poderá evitar, suscitou-me maiores dificuldades ao longo do ano lectivo.

A avaliação visa o fornecimento de informações acerca do desempenho dos alunos sendo através desta que o professor toma as devidas decisões e adequa o processo de ensino-aprendizagem. A sua importância no contexto escolar é por demais evidente, representando um importante instrumento que no fundo, reflecte todo o trabalho desenvolvido quer seja ao longo de todo o período, unidade didáctica, matéria ou aula.

A avaliação visa ainda acompanhar a evolução do aluno, ao longo de todo o seu percurso de aprendizagem, procurando identificar o que já foi assimilado e o que ainda está por aprender, permitindo assim a busca das soluções para os problemas encontrados.

Para Cardinet (1983) são três as funções pedagógicas da avaliação: regulação dos processos de aprendizagem (avaliação formativa), certificação ou validação de competências (avaliação sumativa) e selecção ou orientação da evolução futura do aluno (avaliação diagnóstico e prognóstico).

Neste contexto passarei a dissecar cada das três grandes formas da avaliação desenvolvidas ao longo do presente ano lectivo.

3.1.4.1. Avaliação Diagnóstica

No que se refere à avaliação diagnóstica esta tem por objetivo aferir os pré-requisitos dos alunos sobre uma determinada matéria antes de se dar início a novas aprendizagens nessa mesma matéria. No fundo, é uma forma de averiguar a posição do aluno face a novas e anteriores aprendizagens. Esta avaliação implica

entre outros, a listagem dos pré-requisitos, a definição da forma de recolha de dados e instrumentos a utilizar e a recolha de informação.

Assim, procedeu-se no início do 1º período lectivo, às avaliações diagnósticas de todas as matérias nucleares consideradas pelos Programas, abordado em cada aula(s) uma matéria de ensino distinta. No início senti algumas dificuldades na sua realização, nomeadamente com a inexperiência revelada até então, em determinar os momentos dos processos, dos critérios, dos objectivos e dos instrumentos a utilizar. A incapacidade em dominar todas estas variáveis trouxe algum desconforto inicial e posterior desânimo. Contudo, as conversas constantes com o professor orientador assim como através da observação das suas aulas e das aulas dos meus colegas, levaram-me a progredir paulatinamente melhorando a minha actuação, sendo capaz de efectuar uma recolha de informações de forma mais eficaz e eficiente.

3.1.4.2. Avaliação Formativa

No que diz respeito à avaliação formativa, esta envolve segundo Bloom (1971) “processos utilizados pelo professor para adaptar a sua acção pedagógica em função dos progressos e dos problemas de aprendizagem observados nos alunos.”

A avaliação formativa visa a valoração de processos, o aperfeiçoamento do processo que avalia, a selecção dos meios didácticos adequados aos alunos, a adaptação do sistema ao indivíduo e estabelece uma acção reguladora entre o processo de ensino e o processo de aprendizagem.

Ao contrário da avaliação diagnóstica cuja atenção está exclusivamente centrada no domínio psicomotor, a avaliação formativa contempla os três domínios: o domínio psicomotor (desempenho do aluno na matéria); o sócio-afectivo (motivação, cooperação e empenho) e o cognitivo (conhecimentos demonstrados quer quanto aos conteúdos, quer no conhecimento das regras).

Neste âmbito, à semelhança do que foi feito na avaliação diagnóstica, o registo destas observações foi realizado através da utilização de uma grelha elaborada em conjunto pelo Núcleo de Estágio, onde foi registado o desempenho dos alunos, distribuindo-os por quatro classificações distintas: Não Faz (NF), Faz Mal (FM), Faz

(F) e Faz Bem (FB), nos diferentes elementos técnicos/tácticos inerentes a cada uma das matérias. Posteriormente, era efetuada uma reflexão sobre a eficiência das estratégias utilizadas, identificando possíveis situações que levassem à alteração do planeamento inicial, com vista ao melhoramento do processo de ensino-aprendizagem.

3.1.4.3. Avaliação Sumativa

No que concerne à avaliação sumativa segundo Pacheco (1995), “a avaliação sumativa está ligada à medição e a classificação do grau de consecução do aluno no final de um processo (trimestre, semestre, ano) tendo a finalidade de certificar mediante a determinação de níveis de rendimento”.

A avaliação sumativa teve lugar no final das Unidades Didácticas, geralmente na última ou últimas duas aulas, sendo utilizada uma metodologia de trabalho que era constituída por exercícios idênticos aos realizados nas aulas anteriores, verificando o nível de prestação dos alunos nos comportamentos técnico-tácticos específicos de cada matéria (jogos desportivos colectivos) e em forma de sequência na ginástica.

De facto, para este tipo de avaliação ser considerada um sucesso, foi fundamental ajustar os instrumentos ao nível dos alunos, procurando uma mediação entre os conteúdos ensinados, os conteúdos avaliados e os objectivos de aprendizagem, pois só assim foi possível reflectir sobre os resultados, assegurando uma intervenção eficaz. A criação de instrumentos simplificados e sistematizados ao longo das Unidades Didácticas em grelhas de avaliação facilitou esta tarefa no momento da aula, permitindo assim um registo mais fácil, rápido e rigoroso.

Entendi esta avaliação como uma forma de clarificar o estado final de desenvolvimento dos alunos no que se refere à sua competência, conhecimentos, capacidade e atitudes. Deste modo, esta foi encarada como uma etapa de certificação do desempenho dos alunos que fui percepcionando ao longo das aulas.

Quanto às dificuldades sentidas, confesso que nesta etapa da avaliação senti-me mais à-vontade que nas anteriores, uma vez que já possuía dados concretos sobre o desempenho de cada um dos alunos (avaliação formativa).

3.2. Atitude Ético-Profissional

Segundo as indicações do Guia de Estágio (2011/2012) “a ética profissional constitui uma dimensão paralela à dimensão intervenção pedagógica e tem uma importância fundamental no desenvolvimento do *agir profissional* do futuro professor”. Sendo esta, uma dimensão paralela a todo o processo educativo e à dimensão da intervenção pedagógica, revela-se portanto, muito importante no que concerne ao desenvolvimento do agir profissional do futuro docente. A relação aluno-professor é hoje tida na Escola como uma relação directa em que a ética profissional representa um elo de ligação entre estas duas vertentes.

Desde o início do Estágio Pedagógico, procurei assumir uma postura séria, responsável e empenhada com toda a comunidade educativa. A disponibilidade evidenciada em todas as solicitações que me eram feitas, foi por demais evidente quer tenha sido nos trabalhos individuais e de grupo, quer nas diversas actividades ocorridas na escola onde marquei sempre presença. Do mesmo modo, mantive um compromisso para com as aprendizagens dos alunos, adequando as mesmas às diferenças individuais e de níveis entre eles.

Durante o Estágio Pedagógico tive necessidade de recorrer à bibliografia de algumas matérias e/ou conteúdos (Rugby e Ginástica de Acrobática) que considerava não dominar por completo no sentido de poder actualizar-me sobre as mesmas, possibilitando assim uma resposta capaz e adequada às responsabilidades a mim inculcidas.

O meu sentido auto-crítico marcou igualmente presença ao longo de todo o Estágio Pedagógico. Procurei assumir as minhas lacunas na leccionação das aulas diariamente por forma a evoluir para patamares superiores aos que me encontrava inicialmente.

No que diz respeito ao trabalho em grupo, é de salientar o espírito de camaradagem que reinava entre os elementos do Núcleo de Estágio, o que permitiu uma harmonia saudável na realização de todas as actividades inerentes ao mesmo.

No âmbito pessoal cumpri sempre os requisitos da assiduidade e pontualidade quer nas minhas aulas, quer nas dos colegas, quer nas reuniões existentes. Procurei através da realização das reflexões de aula (minhas, dos meus colegas e orientador)

detectar o que de positivo e de menos bom tinha ocorrido, perspectivando algumas propostas que visassem uma melhoria para as próximas aulas.

3.3. Aprendizagens realizadas

O ano de Estágio Pedagógico foi todo ele recheado de novas aprendizagens que serão muito proveitosas quer no meu futuro profissional enquanto docente de Educação Física quer ao nível pessoal.

Relativamente ao ensino tive oportunidade de adquirir novas competências, novas formas de pensar, que no dia-a-dia na escola, a juntar a todos os conhecimentos que trazia da minha formação inicial me fizeram crescer.

Em relação ao planeamento destaco a importância da elaboração Plano Anual, o qual me forçou a uma pesquisa acentuada no sentido de poder, numa primeira fase contextualizar-me com o meio, a escola e a turma em que estava inserido, e numa fase posterior com a selecção e sequência das matérias a abordar em função dos recursos disponíveis e das necessidades da turma. Aliado ao Plano Anual está igualmente a construção das Unidades Didácticas onde a definição de objectivos para grupos de alunos, a selecção de conteúdos a abordar e as estratégias mais adequadas foram de facto a base de todo um trabalho prévio que visava a aprendizagem ajustada dos alunos. Tudo isto foi um constante e sistemático desafio.

Já na intervenção pedagógica reconheço que a minha evolução foi francamente positiva na medida em que aula após aula lidei melhor com os meus receios iniciais e soube através da minha pedagogia cativar os alunos para a prática, não abdicando dos princípios básicos da disciplina. No que diz respeito à realização da árdua tarefa de ser professor, tenho hoje a noção que evoluí bastante. Inicialmente a minha tendência passava por pensar em todos os pormenores das aulas, em todas as possíveis falhas e acima de tudo em cumprir escrupulosamente com todo o planeamento, com toda a organização. Contudo, com o decurso deste Estágio, posso afirmar que hoje sou um professor mais capacitado, mais consciente daquilo que é efectivamente relevante numa aula de Educação Física.

Quanto à avaliação, esta foi inicialmente uma etapa complexa de gerir, contudo adquirei um conjunto vasto de conhecimentos relativos à escolha dos melhores

instrumentos para o efeito, bem como com a selecção dos conteúdos a avaliar que me tornaram mais capaz. Hoje em dia tenho perfeita consciência do desafio que é a realização de uma avaliação coerente e rigorosa, e assim encaro o futuro com outro à-vontade, levando já comigo uma boa base de conhecimentos e alguma experiência adquirida.

Juntamente com os elementos do Núcleo de Estágio, realizamos duas actividades para a comunidade escolar. A primeira foi a organização do “Torneio Tag-Rugby” e a segunda foi a organização e dinamização da “I Tarde da Natação”, actividades que envolveram um grande número de participantes e suscitaram um alargado interesse em toda a comunidade educativa. Na primeira actividade cometemos alguns erros, fruto da inexperiência e algum nervosismo do trio constituinte do Núcleo. Estas dificuldades foram sentidas essencialmente no início da actividade. Tais erros foram perfeitamente ultrapassados e corrigidos na segunda actividade, tendo esta sido um enorme sucesso e criado um impacto em toda a comunidade escolar. No fundo, foram experiências que nos enriqueceram quer do ponto de vista do planeamento e/ou projecto quer da própria realização. Estas duas actividades foram extremamente interessantes, pois revelaram-se fundamentais na percepção, enquanto professor de Educação Física, que podemos encontrar e executar diferentes tipos de tarefas na Escola, todas elas preponderantes para a propiciação de um ambiente saudável e desportivo da comunidade educativa.

No decorrer do Estágio Pedagógico o Núcleo de Estágio foi igualmente alvo de sucessivas formações que me enriqueceu os conhecimentos em determinadas à áreas que não estava tão à-vontade inicialmente. Tudo começou com a primeira formação de Jogos Desportivos Colectivos com a prelecção levada a cabo pelo professor orientador Miguel Faria. Este usou da sua vasta experiência para fornecer aos seus estagiários as melhores estratégias, as melhores metodologias na abordagem nas aulas de Educação Física. Esta acção de formação revelou-se importante na medida em que surgiu numa fase inicial do ano lectivo, o que permitiu que pudéssemos tomar um conhecimento mais abrangente a este nível. Já no decurso do 2º Período surgiu a segunda acção de formação, no caso, orientada por um outro professor de Educação Física, o professor José Neves. Esta acção foi unicamente focada para a introdução da Dança nas aulas de Educação Física. Não obstante ter sido uma matéria que não tive oportunidade de leccionar na minha turma, esta foi sem dúvida proveitosa, na medida em que permitiu ter um novo olhar

sobre uma matéria que tinha total desconhecimento à partida, nomeadamente com a noção adquirida da construção de frases antes da dança propriamente dita. Como terceira formação, também ela preconizada por um professor de Educação Física da escola, o professor Sérgio Queirós, tivemos a “introdução” à escalada. É certo, que durante a licenciatura por mim realizada já tinha tido oportunidade de vivenciar esta mesma matéria, contudo não me coabi de recordar as suas principais explicações que de ordem técnica quer de ordem da segurança ou mesmo de gestão dos alunos. Para além destas formações dentro da escola, o Núcleo de Estágio teve igualmente oportunidade de participar numa acção de formação que visava a introdução do Tag-Rugby nas escolas. Esta acção foi sem dúvida o primeiro passo dado na escolha da nossa 1ª actividade a realizar no âmbito da disciplina de Projectos e Parcerias Educativas. A acção decorreu portanto na Escola Profissional de Bustos e contou com a orientação do professor Rui Luzio e com a participação de alguns alunos daquela mesma escola. A presença de uma metodologia de ensino teórico-prática foi-nos inculcada de uma forma divertida em que no final da mesma sentimo-nos capacitados não só para leccionarmos a presente matéria nas nossas aulas como também para darmos início à organização da referida actividade.

Como professor em formação considero que a participação nestas acções de formação já mencionadas anteriormente, contribuiu para a minha evolução, fortalecendo as minhas competências, possibilitando assim o meu crescimento enquanto docente de Educação Física.

Quanto à assessoria ao cargo de Director de Turma, foi um outro factor de aprendizagem que realizei essencialmente ao longo do 1º período, mas achei pertinente leva-lo até ao final do ano lectivo. Este deu-me um bom conhecimento acerca do perfil do Director de Turma, o que faz realmente, como deve intervir em variadíssimas situações, o que me permitiu adquirir uma base de conhecimentos bastante confortável para que num futuro, quando for necessário desempenhar tais funções ou integrar outro tipo de cargo de gestão escolar, esteja preparado.

3.4. Compromissos com as aprendizagens dos alunos

Hoje em dia ser professor, significa ser parte integrante de toda uma actividade profissional que contempla grandes responsabilidades na sociedade, uma vez que para além da família, cabe também a este a função de educar e formar os jovens na escola. Encontrando-se o estagiário na sua fase final de formação, e após ter concluído a sua aprendizagem teórica, este deve aplicar todos os conhecimentos e esforço ao serviço dos seus alunos, garantindo a continuação da aprendizagem.

Maslow (1991), caracteriza “o professor como controlador, avaliador, encarregado de informar e conduzir seus alunos em direcção a objectivos externos à aquisição de conhecimentos; o que levaria os alunos a uma aprendizagem do tipo extrínseco, isto é, voltada para objectivos externos de quem aprende, escolhidos pela escola ou pela sociedade em que vive e não pelo autor do processo”.

Analisando o referido autor compreende-se que o professor é o principal responsável pelo êxito das aprendizagens dos alunos. Seguindo esta lógica procurei desde o primeiro dia que cheguei à escola assumir uma postura de total compromisso e responsabilidade para com os alunos, identificando as suas necessidades, as suas dificuldades, no sentido de poder contribuir segundo os meus conhecimentos para uma aprendizagem de qualidade.

No caso da minha turma (7^ºA) o meu compromisso para a aquisição e desenvolvimento das várias competências dos alunos foi um pressuposto assumido desde início do Estágio Pedagógico, procurando atingir a melhor performance pedagógica, proporcionando-lhes condições de aprendizagem óptimas para o seu desenvolvimento global nas aulas de Educação Física. Com efeito, todo o trabalho de planificação e realização decorrentes do processo de ensino-aprendizagem foram sempre efectuados a partir das lacunas apresentadas pelos alunos, com o intuito de lhes proporcionar situações de aprendizagem adequadas ao seu nível de desempenho. Tive sempre o maior respeito e cuidado na preparação e consecução do ensino sendo os meus alunos e o seu desempenho, o reflexo de todo o trabalho que desenvolvi.

Deste modo, ao longo deste ano de Estágio Pedagógico não me limitei a marcar presença em todas as aulas da turma que lecionava, em ser pontual, em transmitir a matéria aos alunos e estruturar exercícios para que estes realizassem durante o

tempo de aula. Através de uma atitude reflexiva, procurei sempre perceber quais as práticas que estavam a contribuir para a aprendizagem dos alunos e as que não se mostravam tão bem enquadradas com as necessidades destes.

Assim dentro de uma atitude ético-profissional, procurei transmitir valores e saberes, possibilitando deste modo, um ensino de qualidade onde a aquisição de conhecimentos respeitantes a cada uma das matérias abordadas foi efectivamente uma realidade dentro do seu desenvolvimento.

Posso aferir portanto, que tudo fiz dentro das minhas competências e limitações, para cumprir com que o que é definido quer no regulamentado pelo Guia de Estágio Pedagógico 2011/2012, quer no regulamentado pelo Grupo da disciplina da EB. 2,3 da Mealhada, o que de facto permite que conclua este ciclo em consciência completamente tranquila de que tudo fiz em prol de um ensino competente.

3.5. Conclusões referentes ao Estágio Pedagógico

3.5.1. Dificuldades Sentidas

A quase nula experiência à partida para este Estágio Pedagógico originou inicialmente muitas preocupações na leccionação das aulas, nomeadamente no que à sua condução diz respeito. Esta era geradora de muitas dúvidas e incertezas.

O facto de estar demasiado focado em aspectos organizativos e em gerir comportamentos dos alunos fazia com que o tempo de aula se esgotasse nestes dois parâmetros. A dificuldade em transmitir conhecimentos aos alunos, em fazer “passar a mensagem” era sentida. A intervenção pedagógica era reduzida, era demasiado observatória, no fundo era demasiado focada no cumprimento integral do plano de aula. Passada essa fase inicial, aula após aula, essa dificuldade foi sendo ultrapassada e a observação das aulas dos meus colegas e do professor orientador, assim como os constantes diálogos mantidos com estes foram por certo, um motivo de evolução contínua. A minha intervenção pedagógica melhorava diariamente, estava mais consciente de todas as variáveis existentes numa aula, do que objectivamente era importante privilegiar. Era capaz de apresentar um discurso

claro, coerente e consistente. Do mesmo modo, parece-me ter sido importante a cuidada reflexão de todas as aulas, com o máximo sentido crítico e eficiência na detecção de erros/lacunas durante o processo de aula, procurando sempre melhorar em cada uma das técnicas de intervenção pedagógica.

Após um primeiro contacto com os alunos através da apresentação da turma, dava-se início às avaliações diagnósticas num período de três semanas, intercaladas entre aulas de 45 e 90 minutos. A selecção dos melhores exercícios para o efeito, dos melhores instrumentos de observação e registo eram motivo de alguma angústia e preocupação. As variáveis tempo, espaço, observação e registo eram também nesta fase motivo de dificuldade. Contudo, procurei “transportar” sempre os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação inicial e aos poucos com o conhecimento real da turma e dos alunos em particular, essas lacunas foram sendo dissipadas.

Já com a total ambientação à turma, deparei-me com uma outra problemática que se prendia com o facto de grande parte da mesma se mostrar pouco activa na realização das tarefas propostas. Esta constatação verificava-se aula após aula, o que me levou a reflectir profundamente neste assunto. Recorri então, à apresentação de novas estratégias, de novas metodologias de trabalho em busca de uma mudança geral na postura dos alunos. Aula após aula procurava inovar através de exercícios que visavam a cooperação e interacção entre alunos, que visassem um tempo de empenhamento motor mais elevado, que no fundo implicasse uma constante dinâmica e intensidade. Os comportamentos dos alunos a esse nível foram modificando, eram agora aulas distintas das aulas iniciais, com mais vigor, mais empenho.

Relativamente à elaboração dos planos de aula, deparei-me ainda com algumas incertezas e dificuldades iniciais. Na selecção dos exercícios a apresentar tendo em conta as características da turma, o conteúdo e a motivação que os mesmos trariam nos alunos. A “busca” da aula perfeita rapidamente passou a dar lugar à busca da aula que fosse de encontro às reais necessidades dos alunos e de encontro ao alcance dos objectivos pretendidos.

No fundo, todas estas dificuldades sentidas e a busca da sua superação assim como todos os conhecimentos que daí advieram, permitiram que houvesse um crescimento pessoal e profissional assinalável.

3.5.2. Necessidades de Formação Contínua

Todo este processo de formação culminou agora com a realização deste último ano, onde se integra o Estágio Pedagógico. Este último, permitiu o contacto com as actividades e contextos reais de trabalho, permitindo assim conhecer os diferentes actores, aquilo que fazem, como fazem, do que gostam, do modo como falam, quais as suas rotinas.

Através da acção docente, não basta que o professor entenda teorias, perspectivas ou resultados de investigação. O professor tem de ser capaz de mobilizar soluções adequadas para os diferentes aspectos da sua acção profissional, o que requer não só capacidade de articulação de conhecimentos teóricos mas também a capacidade de lidar com a realidade ditado pelas situações práticas. Este, é um ponto essencial no âmbito do Estágio Pedagógico para a formação de professores pois, é neste período de vivência prática que tem a possibilidade de desenvolver a sua competência profissional.

Segundo Matos (1991) “o desenvolvimento do professor é um processo em que alguém se torna professor. A formação de professores leva a que várias componentes sejam desenvolvidas, desde a moral, a ética, até ao conhecimento da acção. Toda a formação visa levar o professor do saber ao fazer”. Para este autor existem ainda duas exigências para a formação de professores: o formando ser o próprio sujeito da formação e a formação tem de ser um objecto específico de apropriação e de integração de conhecimentos.

Ser professor hoje em dia tem naturalmente exigências distintas, sendo que a sua actividade não se resume apenas ao acto de leccionar uma aula. A Escola está em constante mudança colocando sempre novos desafios. O professor tem de estar preparado para novos desafios, apesar de as acções do professor não se esgotarem nas actividades lectivas, estas continuam a ser predominantes.

Os docentes de Educação Física nos dias de hoje tem um papel fundamental na transmissão de conhecimentos técnico-tácticos, assim como nas respectivas regras, ou seja, este dever procurar manter-se constantemente actualizado dado que a disciplina que lecciona está também ela a sofrer sucessivas alterações em função dos fenómenos desportivos que vão ocorrendo.

O professor deve ser o mais inovador quanto possível, estimulando os seus alunos a ultrapassarem constantemente os novos desafios. Para tal, deve aprender e formar-se todos os dias, cada vez mais. O seu objectivo deverá focar-se no alcance da excelência do seu trabalho, sendo esta atingida quer pelos conhecimentos que possui quer pela qualidade das suas aulas. A busca de práticas e metodologias inovadoras na área da pedagogia também deverá ser prática constante.

Relativamente às minhas intenções, e sendo eu um professor em início de carreira, pretendo evoluir através de uma formação contínua, quer seja através de formações, colóquios ou mesmo através do diálogo com os pares, de forma a progredir na carreira e assim poder dar resposta a todas as áreas que dominam esta profissão.

3.5.3. Importância do trabalho individual e de grupo

O ano de Estágio Pedagógico foi encarado desde o primeiro dia de forma séria. No que diz respeito ao trabalho individual, o meu compromisso sempre foi o de exigir de mim mesmo mais e melhor. O estabelecimento de objectivos individuais, de forma a dar respostas às minhas principais dificuldades e lacunas foi sempre uma forma de estar continuamente activo no trabalho diário.

Relativamente à construção das Unidades Didácticas e elaboração dos planos de aula, procurei sempre em todos eles ajustar o seu conteúdo às reais necessidades dos alunos visando as suas aprendizagens e consecução dos objectivos propostos. Após todas as aulas realizava individualmente uma reflexão acerca do decurso das mesmas, diagnosticando e solucionando problemas, que visava uma progressão/evolução para a aula seguinte.

Considero que no trabalho individual é efectivamente importante, demonstrar iniciativa e auto-avaliação do nosso desempenho de uma forma reflexiva, mas mais importante ainda, é saber estar em grupo, respeitar os outros e a opinião deles. Após este ano lectivo considero que adquiri e assimilei determinadas competências, tais como a responsabilidade e autonomia que anteriormente não revelava com tanta clareza.

No que concerne ao trabalho de grupo, cedo o Núcleo de Estágio começou a interagir e a conhecer-se através dos primeiros contactos e elaboração dos primeiros documentos. Não obstante apenas ter como parceiro de longa data o Fábio, a integração do Cláudio rapidamente se estabeleceu, pelo que no final da primeira semana o clima que reinava entre o trio era de total empatia e confraternização. Ainda assim, foi necessário criar entre todos uma relação de compromisso, alimentando um clima saudável, de partilha de ideias e de vontades, que contribuísse para uma coesão e enriquecimento do mesmo. Deste modo, desde o início do ano a entre-ajuda patente entre os três elementos na elaboração de trabalhos comuns (ex: Plano Anual e o tronco comum das Unidades Didácticas) foi por demais evidente, o que fez com que aprendêssemos a trabalhar em equipa com um único propósito, o de valorizar a nossa aprendizagem ensinando.

Neste âmbito sinto que fui capaz de demonstrar toda a minha cooperação, utilizando a minha crítica (construtiva) em prol do benefício do grupo e do resultado final. Do mesmo modo, reconheço que o trabalho e postura dos meus colegas foi em tudo semelhante à minha, o que de facto permitiu que o ambiente de trabalho fosse o melhor possível quer mesmo na relação entre estagiários quer na relação dos estagiários e os demais agentes educativos. Isto tudo, aliado às actividades realizadas no âmbito da disciplina de Projectos e Parcerias Educativas onde o sucesso obtido em ambas actividades reflecte a forte relação existente entre os três elementos do Núcleo de Estágio e por conseguinte reforça a importância em manter uma relação pessoal e profissional em comunhão de ideias.

4. APROFUNDAMENTO DO PROBLEMA – A DEFICIÊNCIA AUDITIVA E A RELAÇÃO COM A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

4.1. Contextualização do problema

“O indivíduo «duro de ouvido» ou com audição residual apresenta uma diminuição ao nível da audição, temporária ou permanente, a qual afecta a performance educacional, mas que não é incluída na surdez total.” (Auxter, Pyfer & Huetting, 1993). A deficiência auditiva é o nome utilizado para indicar perda de audição ou diminuição na capacidade de escutar os sons. Qualquer problema que ocorra em algumas partes do ouvido pode levar a uma deficiência na audição. Esta pode ter como causas principais: as hereditárias (síndromes geneticamente determinadas), as pré-natais (durante a gestação), as peri-natais (durante o nascimento) e ainda as pós-natais (após o nascimento).

Uma das consequências da passagem à prática da integração foi a presença de alunos surdos na escola regular. A maioria dos professores que tiveram de se defrontar com a educação destes alunos sentira que isso os ultrapassava, devido à existência de ideias erradas anteriores, ao desconhecimento do que pressupõe a deficiência auditiva, à falta de condições educativas mínimas.

A meu ver, a escola deve oferecer ao aluno surdo a possibilidade de se desenvolver no ambiente natural em que vai viver toda a vida, razão pela qual é preferível não o desintegrar desde o início do dito ambiente natural, o qual motivará e potencializará o desenvolvimento das capacidades necessárias para que se sinta seguro, valorizado por si próprio e pelos demais, autónomo e útil. Se aceitarmos, além do mais, que a escola é muito mais que um lugar onde se adquirem conhecimentos e que é um local onde todos aprendemos a conviver com o nosso grupo social podemos pensar na transcendência que é para o aluno surdo ter a oportunidade de estar imerso desde pequeno neste processo de aprendizagem social; além do mais, não podemos perder de vista quão importante é para os companheiros ouvintes poder conhecer e compreender as pessoas surdas (ou com

caraterísticas diferentes), aprendendo assim a respeitar e a conviver com eles na escola, no bairro, no trabalho, etc.

“... o ouvido desempenha a função mais importante que os órgãos da fala...”
Sousa (2011).

Reportando agora aos factos ocorridos durante o presente ano lectivo, deparei-me na primeira reunião da turma que me ficou destinada leccionar, o facto de três dos vinte alunos que constituíam a mesma serem alunos com necessidades educativas especiais. Contudo, um dos alunos saltava à vista pelas suas características especiais, no caso, um aluno que apresentava problemas do ponto de vista da audição e conseqüentemente da sua linguagem/comunicação. O mesmo tendo um nível de perda moderadamente severo (56 a 70 dB) relativa à sua audição foi, aquando dos seus quatro anos de idade, sujeito a uma aplicação exterior junto do seu ouvido esquerdo, denominada de “implante coclear”. Este aparelho, que tem por função o de codificar os sons e a fala para que o sistema nervoso central possa detectar e implantar, apesar de trazer maiores possibilidades de desenvolvimento linguístico oral do que os surdos profundos, não implica que o aluno deixe de ser considerado uma criança surda.

Ainda que fosse um aluno que pelas indicações dadas requeresse uma atenção redobrada nas disciplinas leccionadas no interior de uma sala de aula (mais exigentes do ponto de vista linguístico-auditivo e comunicativo), o mesmo não se pode dizer em relação à Educação Física, uma vez que a mensagem passada relativamente ao seu histórico na disciplina seria de uma integração e coordenação motora bastante aceitável.

De facto, para Gorla (2003) “ a coordenação motora global é uma conduta motora básica, importante na aquisição de inúmeras habilidades no desenvolvimento dos portadores de necessidades especiais”. Segundo o mesmo autor, “assim podem destacar-se a minimização das dificuldades na realização das actividades de vida diária; a facilitação no acesso da criança à escolarização; a aquisição de habilidades motoras relacionadas com o contexto do trabalho e da produtividade, transformando-o num profissional qualificado na execução de várias funções; e o acesso ao lazer através da participação em diversas actividades comunitárias, possibilitando o indivíduo com deficiência a inserir-se na sociedade, sendo reconhecido mediante suas capacidades”.

4.2. Estratégias desenvolvidas

Com efeito, a expectativa gerada em torno de toda uma turma e em especial de um aluno portador de uma deficiência auditiva era necessariamente elevada, pelo que a ansiedade e algum nervosismo à mistura tomaram conta de mim nesta primeira abordagem prática da aula. Sabendo de ante-mão grande parte das características intelectuais e motoras do referido aluno, era de todo necessário uma preparação prévia tendo em vista a aplicação de estratégias específicas que visassem a sua integração na aula. Entendo por estratégia, o caminho escolhido ou criado pelo professor para conseguir captar a atenção do aluno, sendo ao mesmo tempo um meio utilizado pelo professor para facilitar o processo de aprendizagem dos alunos tendo em vista o alcance de determinado objectivo.

A recolha de dados relativos aos cuidados a ter com determinados materiais usados na disciplina, bem como com determinadas matérias que implicassem contacto foram algumas medidas inicialmente tomadas. A par desta situação e não menos importante, estaria igualmente à prova a minha capacidade de intervenção nomeadamente no que se refere à minha instrução, comunicação, feedback's, demonstração, etc.

“A pedagogia deve procurar melhorar ao máximo os terrenos pelos quais se produz o êxito. Frequentemente, trata-se apenas de «tapar buracos», colocando a criança numa situação de fracasso, esquecendo os aspectos positivos que, por sua vez, são desvalorizados e retrógrados” (J. C. Lafón, 1987).

Havia portanto, uma série de precauções a ter em conta no contexto da Educação Física, quer relativamente ao aluno, quer ao modelo utilizado na comunicação quer ainda relativamente ao conteúdo e metodologia, quer às relações sociais e ao material utilizado.

Relativamente ao aluno: a informação que chega ao aluno surdo é recebida através do canal visual - leitura labial, informação escrita, informação do quadro, expressões faciais, corporais; a sua posição deve ser de forma a permitir olhar directamente e de frente para o professor, diminuindo o esforço para fazer a leitura labial e aumentando a oportunidade de usar pistas visuais; o aluno não deve ser

colocado de frente para a luz, uma vez que a respectiva leitura é beneficiada pela luz proveniente da sua retaguarda.

Relativamente a modelos chave da comunicação: o professor deverá manter-se sempre de frente do aluno para permitir a leitura labial, evitando o virar de costas para o quadro/tela enquanto fala; deve utilizar-se a comunicação total: os gestos naturais usados pelo professor e pelo aluno, escrita, expressões faciais, etc; deve por vezes, questionar o aluno aferindo se o mesmo segue o curso da explicação.

Relativamente ao conteúdo: é útil planear a introdução de determinados conteúdos dos temas sob a forma de guias escritos de forma a assegurar uma melhor e mais célere interpretação do mesmo; a repetição simples deve ser substituída pela reformulação da ideia com o uso de palavras novas sob pena de uma melhor compreensão;

Relativamente à metodologia: o aluno surdo deve prestar atenção contínua quando faz leitura labial; às vezes é conveniente dar-lhe um pouco de tempo de distração para que descanse; em geral os métodos activos proporcionam ao aluno surdo uma participação máxima; deve favorecer-se o ensino baseado na observação (demonstração das tarefas) e na prática; é igualmente importante sinalizar as mudanças de actividade ou de tema de forma bem clara.

Relativamente às relações sociais: o trabalho em pequenos grupos (pares) favorece a relação e participação social com os companheiros; deve-se procurar situar o aluno surdo num grupo no qual tenha maior facilidade de comunicação (relações afectivas mais fortes, conhecimento anterior, menor número de alunos no grupo).

Relativamente ao material: as ajudas visuais são muito úteis – retroprojector, uso do quadro, gráficos, especialmente quando se fala de algo novo; ao utilizar o quadro deve-se fazê-lo com uma certa ordem e sempre dando ao aluno indicações que lhe permitam seguir a informação (assinalar com o dedo, sublinhar, utilizar cores distintas).

O domínio e consciencialização da existência de todas estas variáveis num só aluno, incluídas numa perspectiva de leccionação da aula de Educação Física eram por certo, factores que do ponto de vista da intervenção do professor requeriam uma atenção e sentido de integração elevados.

4.3. Dificuldades sentidas/resultados obtidos

As experiências vivenciadas, aula após aula, com um aluno deficiente auditivo, foram todas elas motivo de aprendizagem e de enriquecimento pessoal e profissional. Contudo, as dificuldades em gerir todo este processo durante o presente ano lectivo foram naturalmente sucedendo.

Dando início à minha instrução/comunicação no decurso das aulas, reconheço que nem sempre foi possível adequar a mesma às necessidades do aluno. Embora, procurasse reunir toda a turma no início da aula realizando a instrução inicial em total silêncio (ausência de ruído de fundo) e com o aluno de frente para o professor, nem sempre foi possível fazê-lo no decurso das tarefas (transição). O facto de ter utilizado o quadro gráfico em muitas das aulas em que iniciava uma nova matéria e/ou conteúdos da mesma, acredito que tenha auxiliado o aluno no sentido em que estaria a promover a visualização e respectiva interpretação dos dados.

O mesmo aconteceu relativamente aos modelos de comunicação por mim utilizados nas aulas. Isto é, a dificuldade em manter a atenção do aluno constante durante as instruções foi um dos entraves encontrados. A não utilização de gestos em diversas ocasiões assim como o virar de costas em determinadas situações promoveram alguma desintegração do aluno no que respeita à informação dada. Do mesmo modo, julgo que poderia ter usado em maior frequência o questionamento após a minha instrução (das tarefas) de forma a aferir se a informação transmitida estava ou não, efectivamente assimilada.

No que diz respeito ao conteúdo, esta foi sem dúvida uma das minhas menores preocupações dado que o aluno apresentou uma condição física constante e regular acompanhada com um desempenho motor assinalável, nomeadamente nas matérias de carácter colectivo. Se a escolha dos exercícios em pouco ou nada influenciava a sua prestação nos jogos desportivos colectivos, o mesmo não se pode dizer relativamente às matérias relacionadas com a ginástica. Aí a preocupação era maior tendo em vista a protecção do aparelho auditivo que possuía, nomeadamente em sequências gímnicas e ou quedas. Ainda assim, uma das estratégias utilizadas por mim na abordagem a estas matérias estava relacionada com a utilização de apoios gráficos distribuídos em cada uma das estações montadas para o efeito, auxiliando assim, o aluno na interpretação dos objectivos de cada uma das tarefas.

No que concerne à metodologia utilizada, essa muita das vezes divergia em função da matéria a leccionar, contudo uma das preocupações sempre existentes prendeu-se com o recurso à demonstração das tarefas após a respectiva instrução dada. Senti imediatamente que seria um grande apoio prestado ao aluno (e aos demais) no sentido de poder visualizar – tão decisiva que foi esta opção – o que acabara de verbalizar. A utilização de uma mesma (quanto possível) metodologia/organização dos exercícios numa só aula ou mesmo ao longo de uma Unidade Didáctica inteira, foi igualmente um dos propósitos a alcançar, contribuindo assim para uma rotina constante e consequente breve assimilação. Do mesmo modo, permitiu reduzir o tempo gasto em transições entre tarefas.

Já quanto às relações sociais, o facto de o aluno ser um indivíduo alegre, bem-disposto, com capacidade de interacção com os colegas beneficiou a sua prestação e integração na aula. Em determinadas partes da aula em que estavam incluídos os alongamentos ou mesmo em situações de exercício critério (ambas em pares), o aluno raramente necessitou de recorrer ao professor no sentido de este lhe poder arranjar um parceiro. As relações entre colegas ajudaram a solucionar este hipotético problema, contribuindo e muito, o precioso sentido de entre-ajuda e cooperação patente em todos os alunos da turma para com o referido aluno. Ao invés, aquando da realização de tarefas específicas por grupos de nível de desempenho, onde aí existia uma natural restrição do número de alunos, o aluno com deficiência auditiva resguardava-se para último por forma a efectivamente perceber o que se iria realizar. Por vezes, inconscientemente transmiti a instrução de determinadas tarefas seguida da devida demonstração (com a inclusão do aluno com deficiência auditiva) sem ter completa certeza se este teria compreendido da melhor forma a mensagem. No caso de insucesso na demonstração (era perfeitamente perceptível ainda que não fossem sucessivos) ao invés de o substituir por um outro aluno fora da tarefa, sob pena de o desmotivar, optava por reformular a minha instrução através da utilização de um vocabulário mais simplificado que o anterior. Aí sentia imediatamente que “ganhava” o aluno para a aula e a sua posterior aplicação era por demais evidente.

Por fim, e no que se refere aos cuidados relativos ao material, devo dizer que felizmente nunca foi necessário interromper a aula por eventuais danos causados em torno do aluno com deficiência auditiva. É certo que o pavilhão oferece desde logo, as mínimas condições de segurança para a sua prática, pelo que à excepção

da Ginástica onde os cuidados eram forçosamente maiores, as demais matérias não ofereciam perigo. O mesmo sucedeu nas aulas realizadas nos campos exteriores, onde o único entrave prendia-se com a colocação da luz solar face ao posicionamento do aluno e professor, nomeadamente no que diz respeito às instruções. Aí a minha colocação deveria ter em conta o favorecimento da luz solar de forma ao aluno perceber (via labial) o que estava a ser transmitido.

De facto, no final desta minha primeira experiência no ramo da docência, julgo que a par de todas as vivências relatadas no presente relatório, consegui efectivamente contribuir para a inclusão de um aluno portador de deficiência auditiva no seio de uma turma. Reconheço que a minha atitude demonstrada durante a leccionação das aulas de Educação Física foi um factor promotor do sucesso desta mesma integração. O facto de nunca ter contactado ou interagido com pessoas com necessidades educativas especiais revelou algumas dificuldades acrescidas. Contudo, a presença numa reunião e numa palestra específicas da abordagem na Escola ao tema em questão, ambas realizadas no início do ano lectivo, foram um importante passo no sentido de contextualizar-me da melhor forma com o problema e de dar início à selecção das melhores estratégias e metodologias a usar. Aliado a estas formações específicas, a clara preocupação em recolher opiniões junto de professores mais experientes, em particular do professor orientador Miguel Faria e ainda da Directora de Turma, a professora Maria Gonçalves foram ajudas encontradas de forma a ultrapassar os problemas que iam surgindo.

“O processo de fornecer aos alunos com deficiência uma educação com o máximo de qualidade e de eficácia, no sentido de satisfação das suas necessidades individuais, depende fundamentalmente do papel do professor, nomeadamente de variáveis como a sua vontade em levar a cabo as tarefas de ensino destes alunos e a sua formação ou preparação pedagógica para o fazer” (Maria, 2008).

5. CONCLUSÃO

Concluída que está esta etapa tão crucial da minha formação enquanto futuro docente, reconheço que para a consecução do presente relatório foi necessária uma profunda reflexão a todo o trabalho desenvolvido neste rico e inesquecível percurso.

A elaboração do Relatório de Estágio foi um elemento importante no retratar do percurso tido ao longo deste ano lectivo. Este documento constituiu-se como uma reflexão final da prática pedagógica, enriquecido com pesquisas bibliográficas que sustentam todos os relatos aqui transmitidos. Acresce dizer que o mesmo permitiu-me desenvolver mais competências, nomeadamente no âmbito da reflexão, que sem dúvida alguma contribuíram para o meu crescimento enquanto futuro profissional no ramo do Desporto.

A realização do Estágio Pedagógico dada a importância do formando continuar a desenvolver as suas competências ao longo de toda a sua carreira deve ser entendida como uma etapa e não como uma meta no processo de formação de professores. Ao longo deste percurso ficou visível a necessidade de poder alargar o leque de ferramentas para leccionar a disciplina de Educação Física, que possui um vasto conhecimento abrangente, sobre o qual nem sempre foi possível durante o meu processo de formação na FCDEF-UC, adquirir conhecimentos específicos em determinadas áreas.

O processo de Estágio Pedagógico permitiu-me pensar sobre as diversas temáticas relacionadas com o desporto de uma forma mais aprofundada, e com a Educação Física em particular, onde o desenvolvimento de um espírito crítico (construtivo) e reflexivo se afigurou como imprescindível. Ao longo do ano lectivo fui efectivamente conquistando mais maturidade, que ficou patente na capacidade de resolver as dificuldades e imprevistos que iam surgindo. No entanto, no meu entender o professor não se deve acomodar, deve querer sempre mais e melhor, e olhando para o meu percurso enquanto estagiário sinto que poderia ter feito mais, e se o Estágio tivesse o seu início agora, com certeza que o meu desempenho estaria situado a um nível superior ao evidenciado até então.

Assim, a primeira experiência no terreno foi única e particular. Deste modo, e dado que não possuía qualquer prática a este nível, este período formativo irá, sempre marcar-me na minha vida pessoal e em particular como futuro professor.

6. BIBLIOGRAFIA

Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.

Bloom, B. Hastings, I. and Madaus, G. (1971). *Handbook on the Formative and Summative Evaluation of Learning*.

Documentos de apoio da disciplina de Avaliação Pedagógica em Educação Física – Professor Paulo Nobre (2011).

Documentos de apoio da disciplina de Ensino Integrado – Professora Maria João Carvalho (2008).

Gorla, J.; Rodrigues, J.; Araújo, P. F. (2003) *Motor coordination of individuals with intellectual disability: evaluation and intervention*. Revista digital, Buenos Aires.

Guia de Estágio Pedagógico FCDEF-UC 2011-2012.

Jimenez, R.; Prado F.; Moreno L.; Rivas, A. (1997). *O deficiente auditivo na escola*. (Capítulo XV 349-374) In Necessidades Educativas Especiais. (1ª Ed.) Editora: Dina Livro

MASLOW, A. *The Farther Reaches of Human Nature*. New York: The Viking Press, 1991.

Matos, Z., Gomes, P. B., Graça, A. Queirós, P. (1991). *A valorização dos problemas em situação de estágio pedagógico: preocupações dos estudantes-estagiários e formadores*. In As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva: actas (Vol 1, pp. 359-367). Porto.

Pacheco, J. (2008). *O professor do futuro será assim*. Disponível em <http://diario.iol.pt/tecnologia/educacao-professor-tecnologia/998513-4069.html>.

Pereira, P. (2006). *Percepções e crenças dos professores estagiários em relação aos comportamentos de indisciplina na aula de Educação Física*. Porto: Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto.

Plano Anual da Escola EB. 2,3 da Mealhada 2011-2012.

PORTUGAL, Ministério da Educação. Gabinete de Estudos e Planeamento. “*A criança diferente*”. Lisboa: GEP/ME, 1987, pp. 167-193 a 395-397.

Rosado, A. e Mesquita, I. (2009) *Melhorar a aprendizagem melhorando a instrução*. In Rosado, A. e Mesquita, I. (ed.) *Pedagogia do Desporto* (pp. 69-130). Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana.

SIEDENTOP, D. (1998). *Aprender a ensinar la Educación Física*. Zaragoza: Inde.